

EM BUSCA DE *FLICTS*: UMA VIAGEM COLORIDA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

IN SEARCH OF *FLICTS*: A COLORFUL JOURNEY IN CHILDHOOD EDUCATION

Maria Jade Pohl Sanches 
Fernando Russo Costa do Bomfim 

RESUMO

O presente artigo foi baseado na disciplina de Estágio I do curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no ano de 2017. A ementa despertou a vontade de explorar o Drama - método de ensino do teatro introduzido no Brasil por Beatriz Cabral (2006) - e experimentá-lo com crianças de uma escola de Educação Infantil da rede municipal na cidade de Santa Maria - RS. Visto que na creche elas não tinham contato com o teatro, introduziu-se esse mundo artístico, a partir das possibilidades lúdicas e criativas que o Drama propõe. Ao final do processo, as crianças estabeleceram um contato com o ensino do teatro e conseguiram desenvolver corporalmente e criativamente a história *Flicts* (1969), de Ziraldo que foi proposto como pré-texto. Com a proposta as crianças desfrutaram da brincadeira de faz-de-conta, por meio de jogos, dos materiais postos à sua disposição, de suas percepções visuais, construindo, assim, uma coletividade e empatia, em busca do personagem Flicts.

PALAVRAS-CHAVE: Drama. Percepção visual. Estado de Jogo. Educação Infantil.

ABSTRACT

This article was based on the discipline of Stage I of the Theater Degree course at the Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), in 2017. The menu awakened in us the desire to explore Drama - a theater teaching method introduced in Brasil by Beatriz Cabral (2006) - and try it out with children from an early childhood education school in the municipal network in the city of Santa Maria - RS. Since they had no contact with the theater at the day care center, we introduced this artistic world, based on the playful and creative possibilities that Drama proposes. At the end of the process, the children established contact with theater teaching and were able to develop bodily and creatively the story *Flicts*, by Ziraldo (1969), which we propose as a pre-text. With the proposal, the children enjoyed the pretend play, through games, the materials made available to them, their visual perceptions, thus building a collectivity and empathy, in search of the character Flicts.

KEYWORDS: Drama. Visual perception. Game State. Childhood Education.

ERA UMA VEZ, UMA COR...

Este artigo é oriundo da disciplina de Estágio Supervisionado de Docência em Teatro I da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), desenvolvida no ano de

2017 e trazia como ementa a seleção e organização dos saberes e das ações que circunscreviam o campo da prática docente em Teatro. Planejamento, execução, reflexão e avaliação da prática de ensino/aprendizagem em Teatro. Inserção do(a) docente-artista no contexto histórico-cultural da escola e da comunidade. Essa disciplina buscou desenvolver saberes no campo da prática docente em Teatro, no âmbito da educação formal e não formal, oportunizando ao graduando a compreensão da ação educativa como espaço de pesquisa e extensão.

Decidimos então, baseado em nossas experiências com crianças em uma creche no município de Santa Maria – RS. Escolhemos a turma de maternal com 24 crianças de dois a três anos de idade, que permaneciam na creche no período de 7 h da manhã até as 17h da tarde, faziam a refeição, o horário de sono, e outras atividades como pintar e desenhar.

O projeto com os “pequenos” nasceu da vontade de trabalhar o Drama como método de ensino do Teatro com crianças. Visto que na creche elas não tinham contato com o teatro, apresentamos esse mundo artístico, a partir da proposta lúdica e criativa que o Drama traz. Foi esperado que no final do processo as crianças estabelecessem um contato com o teatro e conseguissem desenvolver corporalmente e criativamente a história de *Flicts* (1969), do autor Ziraldo como relataremos a seguir.

O objetivo da proposta foi trazer atividades que explorassem a criatividade das crianças, afim de aproximá-los do universo criativo que o teatro provoca. Com os objetivos específicos de trabalhar a corporeidade das crianças; explorar jogos teatrais e brincadeiras tradicionais para criar vínculos entre elas e pelo processo; introduzir a percepção visual das cores, como partida para o mundo imaginário de *Flicts*; investigar a potência do imaginário criativo das crianças, a partir da vivência artística. Como aporte teórico-metodológico adotamos os autores Pereira (2015), Cabral (2006) e Sanches (2018), além de outros autores especialistas na metodologia do Drama como ensino do Teatro.

Justificamos nossa escolha ao observarmos as crianças em seu cotidiano. Descobrimos que elas se relacionavam bem entre si, mas se dispersavam e se desinteressavam rapidamente pelas propostas. Por um outro lado, notamos também o quão presente está o faz de conta, as histórias inventadas e a expressividade corporal nas brincadeiras, decidimos então trabalhar o Drama, para adentra-las no universo de *Flicts*. Pensamos na obra por se tratar de uma história baseada em cores

e respeito a diversidade, o que possibilitaria a vivência de um universo lúdico com percepções visuais e empatia. E escolhemos o Drama a fim de potencializarmos o estado de jogo, tanto nas crianças como nos professores mediadores. Nesse sentido, apresentamos primeiramente o conceito do Drama e o modo como esta metodologia se relaciona com a história escolhida. Em seguida, trazemos o relato de experiência com as crianças na Escola em que foi realizada a prática e, para finalizar, apontamos os resultados obtidos e descobertas com o processo.

1 ESSA COR SE CHAMAVA FLICTS...

A obra *Flicts* foi o primeiro livro infantil de Ziraldo, publicada pela primeira vez em 1969, ano exato em que o homem pisou na lua pela primeira vez. *Flicts* é, com certeza, um dos livros mais incríveis que já lemos, ao estudarmos a história ficamos espantados que com tão poucas páginas e um enredo tão curto, a narrativa conseguia ser muito profunda e abordar temas tão complexos como preconceito, segregação, *bullying* e a importância de cada descoberta, “seu lugar no mundo”.

De forma poética e lúdica para encantar, ensinar e entreter crianças e adultos, o livro conta a história de uma cor muito rara e muito triste que foi abandonada pelo mundo e chamada de feia e chata por todos, ninguém queria estar perto dela. A personagem *Flicts* era diferente dos outros, só queria ser aceito, pois não aguentava mais viver sozinho. Mas Ziraldo não queria que essa história acabasse assim, tão triste. Sempre apaixonado pelas estrelas, ele usou a corrida espacial para criar o final feliz de seu livro. O personagem não apenas encontrou seu lugar no mundo, mas também iluminou a noite e ficou visível para todos. Afinal, *Flicts* descobriu que sua cor é a mesma da Lua.

Após a escolha da obra, procuramos estudar em como ela se relacionaria com o Drama como abordagem para o ensino do Teatro, e entramos em algumas questões como: Seria possível trabalhar essa história a partir de experimentações artísticas com crianças tão pequenas?

Procuramos respondê-la a partir do estudo dessa metodologia. O Drama é uma prática teatral que se originou nos países anglo-saxões e foi difundida no Brasil pela professora e pesquisadora Beatriz Cabral (2006). Tornou-se reconhecida como forma de arte no final da década de 1970 e era praticada em lugares como Austrália, Inglaterra, Canadá, alguns países do norte da Europa e nos Estados Unidos. E, no

Brasil, sua difusão começou na década de 1990 por meio das obras de Cabral. A dramaturgia é “[...] uma atividade de construção da narrativa teatral em grupos, onde o diretor, professor ou coordenador assume o papel de dramaturgo, intervindo na cena na medida em que propõe ações [...]” (CABRAL, 2006, p. 48). Ou seja, a dramaturgia é desenvolvida em espaços pedagógicos como ações dramáticas baseadas em um contexto ficcional, exploradas por meio da improvisação. O método, de natureza procedimental, canaliza as emoções e o intelecto dos participantes, exigindo uma negociação contínua voltada para a compreensão dos significados e implicações dos eventos vivenciados na paisagem. Como processo, o pré-texto do Drama enuncia uma série de episódios que limita e refina a estrutura narrativa do teatro como um todo. Nessa experiência narrada e vivenciada, o professor tem papel fundamental como mediador:

O papel do professor, nessa abordagem, é provocar questionamentos e desafios, mobilizando os estudantes à ação, a fim de que resolvam os conflitos da trama e prossigam contribuindo com a construção da história. Em geral, o professor assume personagens ou papéis durante o processo, concentrando as ações e discussões dentro do contexto ficcional criado e se colocando, também, como artista, ao criar personagens e maneiras de agir e reagir às ações propostas pelas crianças (SANCHES; PEREIRA, 2018, p. 171).

Nós, como professores, imergimos junto com as crianças em processo de cumplicidade e não de hierarquia. O que observamos e apresentamos a seguir, a partir de uma experiência específica, é justamente esse estado de engajamento na narração oferecida pelas crianças, não uma imersão que rejeite completamente a relação das crianças com a realidade, mas uma forma de experimentação, lúdica e de forma ficcional, suas situações cotidianas e conhecimento do mundo. Imergindo no contexto ficcional proposto, as crianças criaram histórias e vivenciaram o teatro de uma forma diferente e se viram como criadores, não apenas repetidores da história.

Verificando que as crianças se posicionam como artistas no processo dramático, pode-se imaginar uma abordagem que abra espaço para que elas sejam produtoras culturais, sujeitos sociais ativos no processo de criação do conhecimento e encontrem diferentes formas de expressão: “dar autoria as crianças é usarmos das possibilidades de nos aventurarmos para fora do que nos é reconhecível e

sustentarmos como investigadores, a autoria composta entre nós adultos e crianças” (DORNELLES; FERNANDES, 2015, p. 73).

As crianças podem acessar facilmente essa autonomia durante a infância – se houver tempo/espço para brincar, porém, o acesso diminui à medida que a criança cresce. Na escola, as brincadeiras costumam limitar-se ao recreio ou mesmo a alguns esportes que promovam algum tipo de brincadeira ou movimento – geralmente, na aula de Educação Física. Sabemos que a educação teatral no Brasil ainda é muito embrionária e, por isso, poucas crianças vivenciam a linguagem do teatro nas aulas de artes, que geralmente se limitam ao estudo das artes visuais. Quando o fazem, se envolvem em enfadonhas encenações teatrais – memorização de falas, marcação, disputa de papéis de destaque, confusão na atuação e outras situações típicas das práticas tradicionais.

No estabelecimento do processo dramático, queremos ampliar e salvar o espaço lúdico inerente às brincadeiras infantis, estimulando as crianças a “comprar” a proposta, vivenciar papéis em determinado espaço (em um contexto lúdico) e aprender teatro de modo potente, nesse sentido, relacionamos a metodologia com a história de *Flicts*, visto que se trata de uma história sobre cores, diferenças e empatia.

Considerando essa experiência, parece-nos necessário discutir a educação teatral infantil em nosso contexto, principalmente pelas questões que surgem mundialmente e são discutidas (ou não) na escola. Temas como violência, Direitos Humanos, preconceito, educação ambiental; perguntas sobre gênero, identidade de gênero, relações étnicas e raciais.

Com base nessas questões, consideramos o drama uma poderosa forma de ensino e aprendizagem teatral, pois no universo teatral é possível pensar criativamente sobre o contexto atual do mundo. E na escola, por meio de um contexto ficcional, onde a criança reconhece sua realidade e vê possibilidades de modificá-la, pode-se levantar questões que devem ser exploradas artisticamente. Desse modo, iniciamos nossa viagem para a Lua.

2 ONDE ESTARÁ FLICTS?

A história de *Flicts* iniciou com jogos iniciais de teatro, primeiramente entrávamos e arrumávamos a sala de aula, visto que era o horário que as crianças

acordavam, se alimentavam, e ficavam prontas para a atividade. Procuramos iniciar as aulas com alongamentos criativos e também com aquecimentos vocais, depois instigamos jogos ou brincadeiras de imitação, atividade fundamental para crianças de 2 a 3 anos.

Após duas aulas de iniciação, encontramos o tema do nosso processo de Drama: diversidades, e demos nome a aventura de "Em busca de Flicts!". O contexto imaginário teve como proposta inicial uma carta enviada para a creche escrita pela mãe fictícia do personagem, dizendo que ele havia fugido e pedia encarecidamente para os detetives da Casa da Criança ajudá-la a encontrar seu filho e que o trouxesse são e salvo para casa. Então, esses especialistas em desaparecimento criam um mapa que os levaria até Flicts, a partir da construção dele, vivenciam diversas aventuras, desvendam pistas e conhecem personagens diferentes que os levam até o personagem principal.

O primeiro episódio teve o nome de "A carta e o Mapa", nesse dia as crianças receberam uma carta (lida pela professora regente) e foram informadas de que uma mãe estava aflita procurando seu filho Flicts e que estes agora eram detetives poderosos e teriam que participar de uma aventura. Então, entregamos as crianças vários papéis, lápis, tinta, giz de cera e colocamos na parede um grande Cartaz escrito: "Por onde Flicts andou?" Ao final, perguntamos o que eles haviam desenhado, onde ficavam estes lugares, quem e o que habitavam, enfim, reunimos as informações.

As crianças se mostraram muito disponíveis para a proposta inicial, foram receptivas e comunicativas, deram ideias, tiraram dúvidas e sabiam muito bem o que era um detetive e o que ele fazia. Ficaram muito curiosas à medida em que ouviam a carta e, quando lhes demos os papéis, pintaram, desenharam, trocaram de lugar e coloriram. Os desenhos apresentaram lugares e personagens interessantes como um circo, um palhaço, um Rio Amazonas, uma sereia, uma índia, uma fábrica de chocolates e a dona, um arco íris e um unicórnio, um deserto e um lagarto e até a mãe de Flicts reencontrando o filho. Ao final, notamos que as crianças no primeiro dia, apesar da idade, criaram uma linha cronológica para pensarmos os episódios. Esse fato nos fez refletir que na brincadeira e imaginação a criança está presente, livre e autônoma:

O brincar fisicamente exuberante, o brincar proibido, o brincar em grupo, o brincar sob conflitos, o brincar que promove ou que atrapalha aprendizagens: eis algumas das muitas facetas de um fenômeno que arrebatava crianças de todo o mundo e que dá sentido às suas vidas (PALMA, 2017, p. 217).

Para enfatizar o sentido criativo e engajado que deu as crianças, no segundo episódio que teve o nome de "O Deserto e o Lagarto". Ao entrarmos na sala, colocamos sobre o espaço da sala inúmeros balões amarelos e pretos e os pequenos nos receberam aos berros, perguntando onde iríamos encontrar o "fit" (como pronunciavam). Explicamos que naquele episódio viajaríamos ao deserto para encontrá-lo.

Como crianças eram pequenas explicamos que quando colocávamos um figurino fazíamos de conta que éramos um personagem, porém nós ainda seríamos os professores. Fizemos isso de modo que não se assustassem com as mudanças. Colocamos nossas fantasias de lagarto, de modo não assustador, apenas roupas verdes e lenço verde na cobrindo o cabelo e a cabeça. Nos apresentamos como Lagartos e convidamos as crianças a serem animais preenchendo o deserto, afinal, ficamos sabendo que Flicts amava os bichos.

As crianças ficaram eufóricas, cada um criou seu personagem, prontamente caminharam pelo espaço da sala em busca de pistas como se fossem seus animais, faziam barulhos, e não saíram do papel. Encontraram uma pista: um chocolate com um papel escrito: "Venham conhecer minha fábrica!" Logo gritaram comemorando que se tratava da fábrica de chocolates. Nesse episódio nos sentimos como crianças desbravando este universo infantil tão criativo:

No Art. 4º, o conceito de criança é definido como: [...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p. 1).

Essa produção de cultura permeou o processo em si, e ao vivenciar essa experiência percebemos uma construção gradual, ainda que pequena, de subjetividades. Nesse episódio que iremos relatar foi possível trabalharmos o racismo. O encontro foi denominado de "Bem-vindos à Fábrica de Chocolate", nesse dia levamos à escola uma colega de curso negra, vestida de dona da fábrica, com luvas, chapéu, e sobretudo, todos de cores marrom. Ao entrarem na sala, as

crianças gritaram: “A dona é feita de bombom!” Ao questionarmos o motivo, as crianças alegaram que se tratava de sua cor diferente. Perguntamos novamente e os pequenos se referiram ao tom de pele.

Uma das crianças lambeu o braço da atriz e gritou triste que não se tratava de um doce, outro perguntou de que planeta ela veio, dentre outras colocações. Aos poucos fomos explicando a diferença das cores de pele. Uma das crianças (negra) estava ouvindo todo atento nossa conversa, e de repente gritou: “Prof também sou feito de bombom, olha!” rimos do ocorrido. Ao final a personagem pediu que as crianças criassem doces com a massinha de modelar com a cor marrom, afinal, estávamos também trabalhando o aspecto visual. Dissemos que após a comilança, a pista apareceria. Empolgados agiram como chefes de cozinha e deram até mesmo nomes aos pratos. Ao terminarmos de “experimentar” questionaram sobre a pista. Então, uma professora entrou com um balde de pipocas verde e um papel escrito: “Espero vocês no Rio Amazonas!” e as crianças gritaram eufóricas que conheceriam a sereia. Nesse dia ficamos comovidos em como o Drama é potente para as discussões sobre diversidade, neste caso a racial:

A escola é um espaço onde está presente uma grande diversidade, inclusive a étnico-racial. A complexidade dessas relações faz emergir o constante conflito, onde devemos atuar de forma dialética na sua compreensão e mediação, diante de nossas funções enquanto sujeitos históricos (COSTA; SOUZA, 2013, p. 03).

A partir da vivência tão potente das relações étnico-raciais, resolvemos colocar em pauta as discussões de gênero, levando então a escola um colega de curso para interpretar a sereia que trouxe consigo o nome do episódio “Rio Amazonas”. Nesse dia, recebemos na sala de aula a Sereia que as crianças deram o nome de “menina”. Quando o ator começou a conversar com as crianças, algumas questionaram qual seria o sexo do personagem. Nosso colega se prontificou em afirmar que ele era um “sereio”, mas que gostava de se vestir de menina. Então um menino logo revelou meio tímido dizendo que o entendia. A partir disso, as crianças ficaram curiosas para conhecer a história da/do visitante e então, a sereia começou a mostrar suas joias e, dizendo que havia encontrado Flicts e que este a ajudou a construir os tesouros. Como proposta prática, entregamos linhas e miçangas para os estudantes construírem suas próprias joias. Com esta atividade foi possível trabalhar a imaginação, a percepção visual das cores e a psicomotricidade

final. Ao final a sereia pegou no fundo do baú um nariz de palhaço, mostrou as crianças, nele estava escrito: Venham brincar comigo? Prontamente as crianças gritaram: “Sim!”.

Nesse encontro foi comovente notar as crianças abraçando o personagem ao final chamando de sereio! Este fato nos deu uma dimensão importante que tem a educação:

Para desenvolver metodologias de trabalho comprometidas com a educação de pessoas que sejam sujeitos de seus corpos e de seus movimentos, antes de qualquer coisa, seria necessário assumi-las como sujeitos dos espaços onde vivem e convivem. Pois as crianças vão construindo conhecimentos, valores, afetos a partir de sua experiência com o mundo. Experiência vivida num universo de corpos que tocam, olham, cheiram, comem, escutam. Corpos que sentem o mundo, leem o mundo [...] (TIRIBA, 2018, p. 248–249).

A partir dos corpos dessas crianças tão expressivas, aprendemos a ler o mundo junto com elas, e a fim de nos divertirmos em um processo de cumplicidade levamos a escola uma palhaça apresentadora do episódio que ficou conhecido como “o circo”. A atriz relatou aos detetives que Flicts havia fugido com o circo junto com a mesma. Após o relato entregou as crianças figurinos coloridos e realizaram um lindo desfile. Cada criança escolheu um personagem e se apresentou. Se divertiram, cantaram, dançaram, e surpreendentemente ouvimos de uma criança: “como queria que o Fit tivesse aqui!” Havia criado um laço afetivo com um personagem fictício, deixando claro a importância do afeto para a aprendizagem na infância: “Essa infância, aliás, permanece como uma simpatia de abertura para a vida, permite-nos compreender e amar as crianças como se fossemos os seus iguais numa vida primeira” (BACHELARD, 2009, p. 100).

Ao terminar o desfile, a professora entregou uma xícara de chá para a convidada e nela estava submersa a seguinte mensagem: “Espero vocês com uma xícara de chá, assinado: mamãe!” Logo ouvimos as crianças comemorar dizendo que estávamos quase encontrando o filho perdido. Essas surpresas que levamos ao trabalharmos com a Educação Infantil nos remeteu a Souza:

Sair do lugar de quem pensa que sabe o que as crianças são e o que devem ser, para o lugar da surpresa, da escuta, do novo. A diferença está não somente em nosso tamanho – muitas vezes precisamos nos abaixar para escutá-las e enxergar de onde enxergam o mundo – mas também na forma como as crianças interpretam o mundo e o

vivenciam, conversam, interagem com o outro e com o espaço ao qual pertencem (SOUZA, 2014, p. 40).

Essa interação das crianças com o mundo, nos revelaram uma imensa empatia com os outros, com o personagem desaparecido e principalmente para o episódio "Visitando a mãe". Nesse dia, uma atriz convidada apareceu na sala de aula como uma senhora de idade, com uma cesta, ofereceu bolo e chá para as crianças. Pela nossa surpresa os estudantes a receberam calmamente, a ajudaram a sentar, deram carinho, amor e acalmaram-na dizendo que o filho voltaria. Foi comovente perceber o cuidado que tiveram com a personagem.

Nesse momento, os detetives foram convidados a contarem história de suas famílias, foi incrível conhecer contextos tão diferentes e notar a maturidade ao presenciar crianças de três anos relatando como sentiam falta de suas mães, visto que permaneciam o dia todo na escola. Outra criança dizendo que havia sido adotada, e os colegas respeitando a vez de falar. Como em um devaneio, fomos todos adentrando a infância, entre crianças, professores e mães, éramos apenas memórias:

Essa beleza está em nós, no fundo de nossa memória. Ela é a beleza de um impulso que nos reanima, que põe em nós o dinamismo de uma beleza de vida. Na nossa infância, o devaneio nos dava a liberdade. E é notável que o domínio mais favorável para receber a consciência da liberdade seja precisamente o devaneio. [...] psicologicamente falando, é no devaneio que somos seres livres (BACHELARD, 2009, p. 99).

A liberdade criativa das crianças permeou o encontro, ao questionarem a mãe como encontrariam Flicts, então como pista, ficaram sabendo que o filho sempre quis conhecer o "arco-íris" (nome do penúltimo episódio). Nesse dia fomos a escola vestidos de arco-íris, pintamos o rosto, e nos apresentamos como unicórnios, as crianças ficaram muito curiosas e felizes por termos lembrando do desenho realizado.

Como atividade prática realizamos um circuito corporal com desafios como passar por de baixo da mesa, pular em um pé só, se abraçar, dentre outras atividades que possibilitaram trabalhar a psicomotricidade ampla. Nesse exercício as crianças mediaram a fantasia sem nossas ordens, dizendo: "cuidado com o jacaré!", "Vamos escalar aquela pedra!", entramos no imaginário e embarcamos juntos nas proposições dos detetives:

Embora apoie-se amplamente no já conhecido e/ou no já experimentado pelo sujeito, o jogo de faz-de-conta envolve, a meu ver, a abertura de possibilidades de criação de novas relações entre os sujeitos, a atribuição de significados originais a determinados objetos, a representação de ação de formas diferenciadas, a construção de papéis e de temáticas novas que podem sempre conter o inesperado (DECICO, 2006, p. 50).

Essas atribuições de novos significados por meio da criação de um contexto ficcional envolveram as crianças na proposta. Tanto nesse episódio, quanto o próprio processo nos fizeram perceber o quanto o teatro é transformador. As crianças expandiram sua visão de mundo com e "mergulharam de cabeça" nos episódios, levando em consideração todos os detalhes do processo. Ao final do encontro uma professora entregou um guarda-chuva colorido que estava escrito: "Parabéns! Vocês me encontraram!" quando ouviram, os estudantes se abraçaram, comemoraram com o episódio denominado de "O encontro de Flicts". Nesse dia, Flicts apareceu na escola, com as cores beges, referente ao livro de Ziraldo.

As crianças o receberam emocionadas, algumas choraram dizendo que sentiram saudade. Entregaram ao personagem as pistas encontradas ao longo do processo e o ator contou sua história, dos personagens que encontrou no caminho, incentivando assim o espanto das crianças, que começaram a questionar se o que vivenciaram era real. Esse fato nos fez refletir que o Drama "[...] facilita uma espécie de experimentação sem riscos do real, na qual a criança se envolve profundamente. Ele se caracteriza pela concentração e engajamento (o jogador seria uma espécie de sonhador acordado)" (RYNGAERT, 2009, p. 39).

Nesse encontro vibrante com o personagem perdido, ficou evidente que para que a criança experimente livremente o estado de entrega que o Drama possibilita, nós professores, devemos estar disponíveis para brincar com as crianças, para reinventar as histórias, imitar e sonhar:

O brincar, a meu ver, não é parte do que se costuma chamar de "animação cultural". É muito importante desenvolver junto às crianças quietude e capacidade contemplativa. O brincar poderá, assim, ser uma experiência estética: algumas brincadeiras intuem a essência e beleza da poesia. O brincar é um saber do corpo, não é apenas algo que se aprende e ensina. E a infância permanece em cada um de nós: conectada a experiências sensoriais e outra temporalidade, que não a do relógio nem a do calendário (MACHADO, 2007, p. 06).

Precisamos vivenciar essa infância em nós, experimentar o Drama e nos colocar em prática junto com as crianças. Ao final, Flicts entregou a cada detetive uma

medalha colorida em forma de agradecimento pelo encontro. Chegaram ao final da aventura felizes, satisfeitos e emocionados por terem conseguido, de modo coletivo, aos três anos de idade devolver um filho para sua mãe. Na despedida, agradecemos as crianças pelos encontros, lemos a carta de agradecimento da mãe do personagem e mostramos a foto dos atores vestidos como personagens se abraçando. Ouvimos as comemorações, pudemos notar os pequenos felizes, demonstrando uma sensação de dever cumprido e deixando em nós uma emoção em lembrar que juntos vivemos uma linda aventura colorida na Educação Infantil.

A LUA É FLICTS!

Essa aventura que vivenciamos junto as crianças da Educação Infantil, nos faz lembrar nostalgicamente dos olhares dos estudantes, das expressões curiosas, um pouco de medo no começo, mas quando entenderam a proposta, notamos uma imersão profunda no processo. Percebemos pequenas mudanças em suas atitudes, momentos de desacordo transformados em momentos de escuta e respeito aos próprios limites e aos dos outros. Vivemos uma aventura repleta de experiências e as crianças puderam ampliar seu repertório teatral.

Como professores mediadores, criamos repertório, criatividade e materialidade nos episódios. A alegria que as crianças demonstraram quando aprenderam sobre a diversidade nos fez pensar na importância de discutir sobre esses temas e ampliar o olhar da escola sobre o assunto. Tivemos a certeza de que os alunos entenderam as discussões, e por menores que fossem, as crianças não apenas aprenderam a respeitar a diversidade a partir do Drama, mas houve uma verdadeira troca de experiências entre elas e os personagens convidados.

Ao final dessa aventura colorida, ficou a saudade, mesmo pequenos, se muniram de coragem, imaginação e partiram em busca de Flicts, mostrando a Educação Infantil que o Drama traz possibilidades potentes para o ensino do Teatro. E de uma forma poética, protagonista, descobriram que de perto, bem pertinho, só os astronautas conseguem ver... que a Lua é Flicts.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009.
- CABRAL, B. **Drama como método de ensino**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, p. 127, 2006.
- COSTA, J.; SOUZA, R. **O Teatro como estratégia de ensino da história e cultura afro-brasileira no Ensino Médio**. Os desafios da escola Pública Paranaense na Perspectiva do professor PDE artigos, 2013.
- DECICO, C. **O encanto do encontro: o jogo de faz-de-conta nas relações de ensino**. 2006. 90 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- DORNELLES, L.; FERNANDES, N. Estudos da criança e pesquisa com crianças: nuances luso-brasileiras acerca dos desafios éticos e metodológicos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 65-78, jan./abr. 2015.
- MACHADO, M. M. Teatro e infância, possíveis mundos de vida (e morte). **Revista Aspas (USP)**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 3-14, 2014.
- PALMA, M. Representações das crianças sobre o brincar na escola. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 30, n. 2, p. 203-221, 2017.
- PEREIRA, D de M. **Drama na educação infantil: Experimentos teatrais com crianças de 02 a 06 anos**. 2015. 249 f. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Teatro- PPGT) - UDESC. Florianópolis, 2015.
- PEREIRA, D de M.; SANCHES, M.J.P. O estado de recreio da criança no processo de Drama. **Rascunhos**, Uberlândia, v. 5, n. 3, p. 169-186, 2018.
- RYNGAERT, Jean- Pierre. **Jogar, representar**. Práticas dramáticas e formação. Trad. Cássia R. da Silveira. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.
- SANCHES, M. J. P. **Entre reinos, planetas e canetinhas: processos de drama com crianças**. 2018. Monografia - UFSM – Licenciatura em Teatro, Santa Maria (RS), 2018.
- SOUZA, K. R. R. **As crianças e o recreio**. Investigando as relações de pares nos primeiros anos do Ensino Fundamental. 261f. Tese (Doutorado em Sociologia)- UFRJ. Rio de Janeiro, 2014.
- TIRIBA, L. **Educação Infantil como Direito e Alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. Editora Paz e Terra, 2018.
- ZIRALDO. **Flicts**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1969.
- Σ SIGMA, Macapá, v. 4, n. 3, p. 78-91, jan. - jun. 2023.

Sobre os autores

Maria Jade Pohl Sanches

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Franciscana - UFN

Contato: jade.pohl.sanches@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1696-6577>

Fernando Russo Costa do Bomfim

Doutor em Ciência Cirúrgica pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

Contato: fernando_bomfim@live.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2614-3603>

Artigo recebido em: 06 de março de 2023.

Artigo aceito em: 16 de abril de 2023.